

Não cair na mesma armadilha

Por Michele Rolim¹

O espetáculo *88 (Oitenta e oito)*, da Cia. Aya, de São José dos Campos, com direção de Edson Gory, estabelece uma ligação entre dois momentos históricos brasileiros: a abolição da escravidão em 1888 e a Constituição Federal de 1988. Nesse intervalo de cem anos entre as datas, a peça busca questionar as mudanças que ocorreram na condição de vida e dignidade do povo negro.

Na peça, com dramaturgia autoral do diretor e das duas atrizes, Jéssica Mendezz e Tamara Louise, as questões raciais são apresentadas sob ótica de duas mulheres, ex-escravizadas, Ada e Felipa, que compartilham entre si lições de sua ancestralidade, maternidade e as opressões sofridas na sociedade.

Felipa narra a história de perda da filha, apesar de todas as precauções que tomara para evitar engravidar dos estupros que sofria do senhor. A dor de ser mãe na escravidão – com o corpo feminino reprimindo sua própria fertilidade – são marcas que são lavadas por um banho ritual, o que permite às amigas prosseguirem suas vidas no Rio de Janeiro. Mas Felipa não esquece de que ainda não é livre, em uma das cenas, ela diz: “Eu quero ser livre por inteiro e não pela metade”. O desejo

¹ Jornalista, pesquisadora e crítica teatral. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Trabalha na imprensa cultural desde 2009 e como Conselheira Estadual de Cultura do RS (2020-2022). É editora do site AGORA Crítica Teatral (www.agoracriticateatral.com.br) e autora do livro “O que pensam os curadores de artes cênicas” (2017, editora Cobogó). É membro da FIBRA - Rede de Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e Jovens. Participou de diversos júris de Teatro. Vem atuando em festivais de artes cênicas no Brasil como crítica, debatedora e curadora.

de liberdade da personagem, 100 anos depois, resultou no inciso XLII do artigo 5º da Constituição que criminaliza qualquer ato de racismo. No entanto, as mães negras ainda choram seus filhos mortos. Se no final do século XIX, a personagem Felipa dizia para sua filha: “a sua cor definirá toda a sua trajetória”, vemos como anos depois esse triste vaticínio ainda se confirma.

A mãe de João Pedro, em 2020, chora as mesmas lágrimas de Felipa. Ele foi morto durante uma operação conjunta das polícias Federal e Civil no Complexo de favelas do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Assim como a mãe de Miguel cujo filho ficou rapidamente sob os cuidados da patroa que o abandonou em um elevador, sofrendo uma queda fatal. A frase de Felipa segue reverberando: “a sua cor definirá toda a sua trajetória”, ecoando nas mãos de todas essas crianças e jovens assassinados todos os dias. Em um dos momentos da peça os áudios dessas notícias aparecem.

O eterno retorno da engrenagem racista desenhado pela dramaturgia de 88 (*Oitenta e oito*) não deve ser tomado como a única direção possível para pensar o racismo estrutural da sociedade brasileira. Entre os gritos de liberdade que parecem nunca ouvidos pela sociedade, devemos reconhecer que a peça busca costurar momentos em que a engrenagem racista pode ser (nem que seja minimamente) demovida e alterada em sua rota. Seja com Felipa e Ada compartilhando suas heranças e memórias de Gana e Guiné-Bissau, seja com banhos que renovam a fertilidade de um corpo abortivo que não queria gerar novos corpos escravizados, as práticas e imagens representadas na dramaturgia são como pontos de apoio para a resistência.

Um desses pontos que aponto é a cena de um embate final, na qual a sociedade branca se vê representada por um ser disforme e sibilino, que expolia a riqueza cultural da negritude encarnada na passista da avenida. Porém, esta vira e revira essa dinâmica, recusando a apropriação e o achaque.

Em que pesem todas as evidências de que muito do que o povo negro sofreu em 1888 permanece em 1988 e nas décadas seguintes, vemos aqui como a arte negra promove ou incentiva formas de resistência ao opressor branco. O teatro

negro se torna assim um espaço de reafirmação, no qual, conforme vemos na metáfora final da peça, não se cai duas vezes na mesma armadilha: se a liberdade foi malograda no decreto simbólico de 1888, no inciso XLII do artigo 5º, a armadilha vira um lugar de luta e resistência.